

O Christianismo

JORNAL RELIGIOSO

FÉ

ESPERANÇA

CARIDADE

Assignatura

Ovar (anno)..... 600 reis

Pelo correio..... 700 "

Redacção e Administração, R.
da Graça=Ovar

Director—Manoel Lopes Guilherme

Proprietario e Adm.^{or}—Plácido Augusto Veiga

Composição e impressão, Typ. «Ovarense»

—* Rua da Graça—OVAR *—

Anuncios

Por cada linha..... 50 reis

Repetição..... 25 "

Acceita-se collaboração des-
de que seja religiosa.

A dôr

(Conclusão)

A dôr seria, pois, um estigma hediondo e execravel, se o manso Nazareno com ela se não tivesse desposado, quando pendente das travas da cruz; se a sua voz dulcissima não tivesse proclamado sobre a montanha: «bemaventurados os que sofrem, porque serão consolados!»

Vista ao clarão rutilo da moral messianica, a dôr, temperada pela celeste resignação, é a irmã gêmea dos grandes heroismos, das santas dedicações, porque nada de bom, de aproveitavel e sublime se divisa sob o sol, que não tenha por pedestal a dôr.

A religião cristã não proíbe que se busque atenuar o sofrer, que o minoramos, contanto que essa atenuação, esse minoramento se cumpra licitamente, e sem desesperação contra a socia dos nossos dias.

O manso e divino Rabi, na sua curta passagem pela terra, inclinou-se de preferencia para os corações doridos, consolando-os com os efluvios magnéticos da sua palavra. E assim é que, durante esse transito, o vemos restituir Lazaro a suas irmãs oprimidas pela dôr, as quais eram Maria, a laboriosa, e Maria de Magdala, aquêla que, com um ósculo de arrependimento sincero, apagou a ardência dos beijos lascivos, que lhe haviam maculado os labios lindos no estonteamento efêmero da volupia.

Nunca êle, o filho da Nazarena sublime, condenou o sofrer; pelo contrario, defendeu sempre os oprimidos, mitigando-lhes a dor.

*

Ha, porém, um ser no mundo, feito expressamente para cicatrizar, ou pelo menos dulcificar a dôr do coração humano. Esse ser é a mulher, que Monsenhor Bougard definiu inteira n'esta curta frase:

«Le coeur de la femme a été fait de manière qu'il puisse tout comprendre, afin qu'il puisse tout consoler.»

E assim é realmente. Póde haver transviadas da linha que lhe foi imposta. Ha-as sem duvida; mas a essencia da mulher é a comiserção, o amor, a piedade.

«..... a piedade
E' filha da mulher,
Que sempre quiz metade
D'uma aflicção qualquer.»

Lá soluçou, em sua lira d'oiro, o inspirado João de Deus.

O coração feminino, em geral, é mais delicado, sofre com mais véemencia que o homem, porquanto a menor palavra ofensiva a magôa, embora essa mágua seja por vezes retribuida n'um efluvio de sorrisos.

Por isso, tem ela a intuição da dôr, sente em si a necessidade de consolar, e de tirar do seu peito tesouros de meiguice e carinho para o seu semelhante, quer êle sôfra, tendo por anteparo a resignação, quer se estôrça convulso e delirante, excitado pela fogosidade do desespero.

Seja qual fôr a tua posição social, só a

tua mão, mulher! só a tua palavra, só as tuas sollicitudes teem os afagos exigidos para lenitivar a dôr humana, como só o Céu tem rório para humedecer a plantasi-nha agreste, que humilde verdeja no monte!

Em teu peito, anjo custodio da familia, depoz Deus, como em urna santa e delicada, a plenitude da sua misericordia, para a repartires em ondas de caridade em prol dos desventurados!

Bem dita sejas tu, pois, mulher, barquinha velivaga, que conduzes a humanidade ao empireo, por entre a suave viração dos teus ôsculos, da tua candura e do esquecimento de ti propria!

P.^o Bruno Teles.

Os milagres

(Conclusão)

E' certo que nos perdemos todas as vezes que elevando nossa vista sobre a face da terra e do ceu se nos appresentam corpos de toda a especie, arrastados com uma ordem invariavel. Quem é por tanto (dizemos a nós mesmos) que fez sahir todos estes mundos, e os conduz depois de tantos seculos, como um pastor a seu rebanho: quem transforma as flores em fructos; e quem cobre os prados d'um orvalho mais brilhante que as saphiras e os rubins? Teremos considerado bem aquelle sol, que todos os dias reapparece com tanta fidelidade: aquellas trevas, que todas as noites nos convidam ao somno: aquellas estrellas, que a Sabedoria eterna colloca n'um sitio, e que muda a seu grado para ornar o firmamento e embellezar as noites: aquelles planetas, cujas revoluções marcam os annos, e suas estações: aquellas nuvens, que se abaixam, elevam e degeneram em saraiva, chuva e geada: aquelle arco

no ceu, que estendendo-se d'um a outro horizonte, reúne cores as mais lindas, e encantadoras; aquelle firmamento, que umas vezes azul, outras vermelho nos certifica a gloria do seu auctor?

Escutae com attenção (diz o santo Job) o terrivel som da voz do Eterno, e o rugido, que sahe de sua bocca: elle faz ouvir a voz do trovão até aos confins da terra; ordena que a neve cubra as planicies, e as montanhas: cauza as tempestades, que nós julgamos effeito do azar: suspende as nuvens, e move-as a seu beneplacito: faz sahir a luz de materia a mais espessa: extrahe dos thesouros do seu poder os raios e os ventos, enviando-os para toda a parte como mensageiros da sua—Omnipotencia.—

O mar obedece á sua voz: e do abismo de sua profundidade eleva-se, espuma e ruger; e quando suas ondas parecem querer engulir o universo, elle se volta com furor sobre si mesmo, e nos limites, que lhe estão fixados, rende homenagem á mão, que o impelle, e que lhe risca o seu caminho no meio dos pégos e dos rochedos.

Quem poderá olhar sem espanto para aquelle elemento, que umas vezes como um todo de gelo, outras como uma reunião de pequenos montes e cavernas, traz em si monstros de varias qualidades, e apresenta um quadro sempre novo?

O elemento do fogo não é menos espantoso: marivilhoso em sua natureza e em seus effeitos, que prodigios não occasiona? Quer formenos ceus aquelles horrendos meteoros, cuja razão a astronomia ainda não pôde descobrir, quer faça sahir das entranhas da terra os vulcões, que teem devorado ilhas e cidades inteiras, elle parece ministro d'um soberano, que toda a natureza adora, e reconhece por seu—Senhor.—

Não deixemos escapar às nossas observações a terra, que nos sustenta, que nos nutre, e que nos ha de consumir; esta terra assaz firme para nos fazer, e assaz molle para se laborar. Que bellezas espalhadas sobre sua superficie! Que thesouros occultos em seu seio! Aqui nós somos sombreados por arvores, cuja folhagem serve d'azilo aos ociosos, e constitue os mais soberbos pavilhões: alli somos deslumbrados por uma multidão de flores tão variadas como odoríferas, cujo brilhantismo produz a magnificencia dos reis.

Cada estação, cada mez, cada dia observa aproximar-se o renovo das plantas e dos animaes, que fecundados pelo calor tornam-se phenomenos os mais curiosos. Que virtude na herba, que se piza com os pés, e que rebustece e cura nossos corpos?! Que industria na abelha; que actividade na formiga; e que transformações no bicho da seda?!

O olho mais penetrante se fatiga em considerar tantos milagres; e a memoria mais vasta não é bastante para recordar os nomes de todos os seres, que vegetam ou respiram.

Continuaremos fallando dos milagres em referencia á religião.

C. e Goes.

A CARIDADE

A Caridade é o coração que se abre, é a bocca que se abre, é a mão que se abre; o coração que se abre para a condolencia, a bocca que se abre para o conselho, a mão que se abre para a esmola; o coração que veste balsamos, a bocca que veste ensinios, a mão que veste soccorros; o coração que acaricia, a bocca que anima, a mão que protege, o coração que attrahe do abysmo, a bocca que acautella do perigo, a

mão que arranca da miseria, é a realeza mais soberana da terra, é a joia mais bem-quista de Deus.

Alves Mendes.

Pater Noster

Senhor omnipotente, Pae bondoso
 Dos que na terra soffrem, resignados,
 Como astros perdidos, desgarrados,
 Do grande Ceu que habitas, poderoso:
 Que o vosso nome augusto, sacrosanto,
 Manancial dulcissimo e amavel
 Que nos adoça a Vida miseravel;
 Misturando de risos nosso pranto;
 Que o Vosso nome seja venerado,
 Bemdito sempre como a Eucharestia;
 Que nos sirva de alento, amparo e guia,
 Do Mundo pelo frio descampado!
 E que a vossa vontade absoluta
 Seja cumprida em cega obediencia,
 Com fervor devido á eminencia
 De quem a tudo vê, tudo prescuta!
 Dae-nos, clemente, o pão de cada dia,
 —Alento ao corpo, lenitivo á alma,
 E que do vosso reino a doce calma
 Nos seja dado usufruir um dia...
 Generoso e sublime no perdão,
 As nossas faltas relavae, Senhor,
 Como nós para com o devedor,
 A vossa semelhança e imitação.
 E se o podeis fazer sem molestar-vos,
 Encaminhae com carinho e cuidado
 A nossa travessia no silvado
 Que temos a pisar, para alcançar-vos...
 Recaia sobre nós a chuva astral
 Da vossa graça cheia de virtude,
 E o vosso manto nos proteja e escude
 Das arditosas tentações do Mal!

Delfim Guimarães.

PENSAMENTOS

As impaciencias humanas não alteram absolutamente nada as leis da natureza e da Providencia.

Nem as arvores, nem as ideias se desenvolvem com tiros de canhões.

Pão e luz, devia ser o pensamento, o unico pensamento de todos os legisladores e governos.

Pão, que ponha as massas sociaes a coberto da indigencia e da immoralidade.

Luz, que multiplique até ao infinito os meios de o adquirir.

O Santo Sacrifício

III

Dos que vão á Missa e não ouvem Missa

Parece-me que se pode fazer a seguinte divisão dos christãos que «vão á Missa e não ouvem Missa», ou não a ouvem do modo devido.

Ha jovens levianos e frivolos, quasi tolos, ou tolos sem quasi, a quem vulgarmente se chama janotinhas, pedantes, casquilhos, peralvilhos, e muito maleducados na maioria, que vão á Igreja, uns *porque sim*, ou porque vêem que alli vão a sua familia e amigos, ou porque os paes os mandam ir: geralmente estes jovens vão á Igreja sem intenção alguma, nem boa nem má: entram, tomam agua benta, quando a tomam, fazendo quatro gatinhanhos, em vez do signal da cruz, sobre o rosto, ou para dizermos melhor, deante do rosto, no ar, como se estivessem espantando as moscas, encolhem em seguida um pouco o corpo, de um modo ridiculo, olhando para o altar (em vez de se ajoelharem), e ficam de pé, muito frescos, olhando para aqui e para acolá, ou preocupados, puxando os punhos da camisa meia vara, ou compondo a gravata, ou procurando torcer o buço, e estirando o pescoço de ganso; não attendem absolutamente á Missa, nem se ajoelham nunca ou quasi nunca, limitando-se a encolher um pouco o corpo á Elevação, ou dobrando muito, um joelho. Isto quando vão sós; que quando vão com algum companheiro, passam a Missa rindo,

conversando e estando em completo desasocego, chamando a attenção e tirando a devoção áquelles que a teem.

A muitos d'estes meninos airosos, dos que vão á Missa porque os seus paes os obrigam a ir, *dê-lhes a vergonha* (sendo certo que não teem nenhuma ou quasi nenhuma) de que os vejam entrar e estar na Igreja e procuram os cantos mais obscuros, como as corujas e alli estão meio escondidos e como *e profundamente* preocupados, pensando que são o alvo de todos os olhares, quando e certo que ninguém se occupa d'elles, nem ha motivo para isso. Em compensação, estes meninos bonitos que tanta vergonha sentem de que os vejam entrar na Igreja, não costumam envergonhar-se (porque nenhuma vergonha teem) de entrar á luz do dia e á vista de toda a gente, nos sitios onde não deve entrar pessoa nenhuma decente, nem de dia nem de noite, nem á vista dos outros, nem sem que ninguém os veja.

Muitos, tambem, d'estes vão á Missa «para ver as meninas», como elles mesmos dizem, e como é na realidade, porque muitos não vão alli senão para isso; e estes são os que peor se portam na igreja; porque em quanto se celebra a Missa estão olhando para as «meninas», fazendo-lhes signaes, rindo e causando fastio aos outros.

Se estão junto d'um altar, collocam sobre elle o chapéu, encostam-se a elle ou nas columnas e paredes, tomando attitudes irrespeitosas e irreverentes, improprias, não só do logar sagrado, mas de qualquer casa meio decente, sequer; cospem a cada instante e commettem, em fim, emquanto estão na igreja, duzentas mil irreverencias, offendendo a Deus e molestando todos os que estão ao seu lado. Parece-te, leitor, que estes «engraçados meninos», ainda que vão á missa, ouvem missa?...

Continua